


## FAUSTO MOURÃO, UM POETA ESQUECIDO

### FAUSTO MOURÃO, A FORGOTTEN POET

Fábio Nelson Guimarães (*in memoriam*)

#### Introdução

ste trabalho apresenta, pela primeira vez, a vida e obra do poeta Fausto Mourão. Descendia de tradicional família são-joanense, sendo seu avô paterno João Antônio da Silva Mourão, então proprietário do prédio onde hoje se instala o Museu Regional do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Viveu numa época em que São João del-Rei conheceu o apogeu de sua cultura, em fins do século passado. Já aos 15 anos de idade escrevia poemas que eram estampados na imprensa local. Poeta romântico, inspirava seus versos no amor, nas flores e nas noites são-joanenses, numa época em que a energia elétrica ainda não existia aqui. No século atual, a sua produção poética foi diminuindo, mas seu nome permaneceu nas letras e agora é aqui registrado, a fim de que não fique esquecido pela posteridade.

Conservei, no transcorrer dos anos, talvez no nível do subconsciente, o conceito de que o conterrâneo Fausto Mourão ingressou, pela sua produção poética, na galeria quantiosa dos bons poetas que os ares encantados de São João del-Rei inspiram aos bem-dotados. Um dia, quis saber a razão dessa ideia e a pesquisa foi me absorvendo.

Alguns de seus versos têm a característica da escola romântica e outros apresentam o sabor do simbolismo. Mas, artista do verso, conservou seu lirismo pelo amor à natureza e pela sua sensibilidade.

O crítico Mário de Andrade, em trabalho publicado em *Revista Nova*, ano I, nº 3, faz o exame dos adeptos do romantismo: “Entre os cacoetes históricos que organizaram o destino dos homens românticos, um dos mais curiosos foi o de morrer na mocidade. Morria-se jovem porque isso era triste e, sobretudo lamentável”.

## O poeta

Fausto Mourão não faleceu jovem. Entretanto, a sua poesia desapareceu cedo. Se poetou neste século, criou esporadicamente, e os originais nem sempre emergem ao conhecimento público.

Aos 15 anos - é evidente que compunha antes - a imprensa são-joanense estampou um soneto de sua lavra. O liberalismo dos românticos servia para encobrir um determinismo que acreditavam esperá-los na morte próxima e a sua lira entrevia um meio para encobrir essa inquietação, quando só o amor era o lenitivo e trilha única a seguir...

O soneto abaixo foi escrito aos 15 anos, em 28/12/1888:

### Na Partida

Via partir! Meus olhos rasos d'água  
Tinham perdido aquele brilho ardente!  
Dentro de mim sentia a dor... e trago-a,  
A devorar-me insaciavelmente!

Meu peito, agora, é como enorme frágua  
Em meio à qual minha alma descontente  
Luta, a morrer, minada pela mágoa,  
Que me traz a fuga desse amor veemente.

Não ouço mais aquela voz suave,  
Que aos meus ouvidos, leve e cristalina,  
Soava, pura, como um trino d'ave;

Mas... longe, embora, alígera menina,  
Meu coração febril, tristonho e grave,

*Fausto Mourão, Um poeta Esquecido*

Há de adorar-te sempre, flor divina!

Porque se nutria do sonho e da poesia, num pedestal da mocidade, o romântico morria jovem, sem tocar as raias vulgares. Falecia cedo, porquanto era o querido dos deuses e assim deixava de experimentar o sabor dos dias da velhice. Se as luzes da manhã queimavam o ser, melhor, porque deveriam ser densas as sombras do poente...

### **Noite de Inverno**

O sol tombou sem brilho! Onde o aroma  
E os esplendores que outras vezes leva?  
A noite... além dos píncaros assoma,  
Abrindo a larga túnica de treva.

O côncavo do céu, sem luz, retoma  
A cor do ônix. Em baixo o frio neva.  
Vaga tristeza os meus impulsos doma,  
E a dor... e minhas lágrimas se ceva!

É, que estas noites ermas e sombrias  
Vêm reviver meus sonhos de criança,  
No desterro das nossas fantasias...

Só tua imagem trago na lembrança,  
Por quem minh'alma espera! E vão-se os dias...  
Mas murcha nunca a flor desta esperança!

E Fausto Mourão mostrou-me coerente, apesar de sua existência septuagenária, produzindo, sobejamente, poemas e sonetos em dias da mocidade, fato pouquíssimo repetido na fase madura e senil de sua vida, assim, como em Noite de Inverno e em Última Página.

Esse homem de letras, que residia na poética e aristocrática Rua da Prata, oficialmente conhecida como Rua Padre José Maria, em casa de número 66, foi fruto de uma época, de um ambiente social e de refinada educação familiar.

A simples pesquisa histórica acerca de um tempo e da obra de um jovem esforçado e de talento de inspiração, mostrará que Fausto Mourão se integrou de modo indelével entre os grandes poetas da escola romântica e no lirismo desta imperial cidade de São João del-Rei. Pena que esse vate consagrado, mesmo antes dos vinte anos esteja esquecido. Vale a intenção de lembrá-lo e de tornar cristalino o brilho de sua produção. É essa a razão do presente estudo, proclamando o valor desse poeta.

### **A família Mourão**

O comendador João Antônio da Silva Mourão, falecido a 2 novembro de 1886, “de febre”, comerciante, deixando testamento, era homem de posses. Casou-se três vezes e o belo sobrado que emoldura o Museu do IPHAN, sito na Praça Severiano de Resende, de sua propriedade, abrigou seus descendentes imediatos. É interessante notar que as iniciais de seu nome se encontram escrito acima das janelas voltadas para a praça acima mencionada.

De seu primeiro matrimônio, com Querubina Maria Cleofa, nasceram os seguintes filhos: Maria Cleofa, Emília, João, Belarmina, Francisco, Antônio e Caetano. Este último, pai de Fausto, nasceu a 1º de fevereiro de 1842 e, sua mãe, Querubina Maria Cleofa, falecia no dia posterior, isto é, a dois de fevereiro. Caetano foi batizado a 26 de fevereiro do mesmo ano, na matriz do Pilar, servindo de padrinhos Antônio José de Almeida e Leopoldina Cândida de Jesus, solteira. Caetano deve ter sido entregue aos cuidados de parentes próximos, antes do segundo casamento de seu pai, evidentemente.

A 8 de setembro de 1857, João Antônio da Silva Mourão professou na Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis, onde serviu no cargo de secretário, a partir desse mesmo ano até 1863. Caetano da Silva Mourão também tornou-se irmão professo dessa Ordem Terceira, em 8 de setembro de 1858.

O II volume das valiosas *Efemérides de São João del-Rei*, do historiador Sebastião de Oliveira Cintra, registra que, a 17 de julho de 1878, elegeu-se a diretoria da Filarmônica São-joanense e, entre outros, ocupavam os cargos de 1º secretário, tesoureiro e presidente honorário, respectivamente, Caetano da Silva Mourão, Dr. José Martins de Carvalho Mourão e João da Silva Mourão. No dia seguinte, verificou-se o concerto inaugural no novo prédio que serviria de sede à instituição (demolido para construção do Edifício São João, pouco depois de 1950).

Caetano da Silva Mourão exerceu o cargo de delegado literário junto à Escola Normal, então pertencente à Província de Minas, por volta de 1888.

Os livros de atas da Câmara de São João del-Rei mostram outra faceta das atividades desenvolvidas por Caetano. Ocupou a vereança durante o quadriênio 1869-1872. Em sessão extraordinária de 31 de janeiro de 1871, declarou que também exercia a função de subdelegado de polícia de São João del-Rei.

A 2 de dezembro de 1871 - dia do aniversário do imperador Pedro II - o padre João da Cunha, por licença do vigário, cônego Francisco Amâncio de Assis, na casa da contraente, uniu em matrimônio Caetano da Silva Mourão, filho de João Antônio da Silva Mourão e de Querubina Maria Cleofa de Jesus, a Maria Claudina da Cunha, filha de Domingos José da Cunha e de Balbina Cândida da Cunha, servindo de testemunhas os irmãos dos nubentes João da Silva Mourão e o Dr. Balbino Cândido da Cunha (que se tornaria presidente da Província do Paraná, entre julho de 1888 a julho de 1889).

A família Cunha possuía casas na Rua de São Francisco, hoje Rua Dr Balbino da Cunha, onde se situaria o mencionado oratório, local do matrimônio, possivelmente devido à doença de algum parente.

Caetano da Silva Mourão, desempenhando funções como secretário do Clube Sanjoanense (1892), secretário da Filarmônica e também da Ordem Terceira de São Francisco, delegado literário,

subdelegado municipal e vereador, denotava a sua participação ativa e contínua na vida comunitária e social local, com habilidade e disposição. Faleceu com 54 anos e meio, em 1896, como 1º Tabelião e Escrivão da Comarca de São João del-Rei.

Sua irmã Belarmina, casada com Francisco de Paula Moreira, foi mãe de três médicos, João Salustiano Moreira Mourão (tenor e presidente da Intendência Municipal, em 1891), Francisco de Paula Moreira Mourão (historiador, jornalista e teatrólogo) e Carlos Augusto Moreira Mourão, que seriam primos de Fausto Mourão.

Do segundo matrimônio de João Antônio da Silva Mourão nasceram Aureliano Martins de Carvalho Mourão (advogado, político e 1º presidente da Estrada de Ferro Oeste de Minas) e o médico José Martins de Carvalho Mourão - irmãos, portanto, por parte de pai, de Caetano da Silva Mourão. Aureliano foi pai do poeta e advogado João Martins de Carvalho Mourão, que chegou a ministro do Supremo Tribunal Federal. A irmã deste, Noemi, casou-se com Alfredo de Almeida Russel, de família de expressão no Rio de Janeiro.

### **A mocidade do poeta**

Fausto Mourão, filho de Caetano da Silva Mourão e de Maria Claudina da Cunha Mourão, nasceu em São João del-Rei, a 3 de junho de 1873. Recebeu o batismo do então vigário cônego Francisco Amâncio de Assis, na matriz do Pilar, a 6 de agosto de 1873, servindo de padrinhos João da Silva Mourão e Balbina Cândida da Cunha, respectivamente, tio e avó do futuro poeta. É interessante notar que, a 24 de junho, a Igreja celebra a festa de São João Batista e de São Fausto, no interregno entre o nascimento e o batizado, como que a inspirar e ensejar o nome dado no ato desse sacramento.

Apenas dois filhos teve o casal Caetano e Maria Claudina: Fausto e Balbina, que se casaria com José da Silva Fonseca.

Naqueles tempos de bandas de música, sinos e foguetes, Fausto Mourão estudou suas primeiras letras num ambiente propício de vida comunitária e social deveras intensa, ao lado do conforto que sua família lhe podia proporcionar.

Aos 11 anos já representava em peças teatrais. O historiador Antônio Guerra, em *Pequena História de Teatro, Circo, Música e Variedades em São João del-Rei*, assinala que, a 14 de agosto de 1884, na inauguração do Clube Dramático Juvenil, na Rua Direita, destacou-se, entre outros jovens atores, Fausto Mourão. A 19 de outubro desse ano, em récita da Sociedade Dramática Particular, participaram de um espetáculo teatral, constante de comédias, Fausto Mourão e o seu primo João Mourão, futuro advogado.

As atividades artísticas e intelectuais de Fausto podem ser assim classificadas: ator teatral, poeta, jornalista, orador, acadêmico de Direito, tabelião, a partir de 1896 e, no campo da política, teve uma ligeira incursão.

A imprensa local passou a transcrever sonetos de Fausto Mourão ao completar 15 anos, o que patenteia que, antes dessa idade, já compunha. Conhecia a arte de versejar e o amor seduziu o seu espírito jovem, que não escondia emoções. Os seus versos vinham à lume pelas páginas de *Gazeta Mineira*, *A Pátria Mineira*, *A Locomotiva*, coleções por mim manuseadas e que não exclui a sua colaboração em outros periódicos.

A edição de 1 de novembro de 1888, de *Verdade Política*, órgão do partido liberal, que circulou pouco mais de um ano, noticiava que, impresso em suas oficinas, “aparecerá brevemente nesta cidade um jornalzinho quinzenal, literário, noticioso e humorístico, intitulado “*O Gladiador*”. Eram seus redatores Fausto Mourão e o poeta João Netto.

Porém, *Verdade Política*, apenas em edição de 1 de julho de 1889, informava que circula o número inicial de *O Gladiador*, “cintilante e espirituoso”. E continua: “É seu redator o sr. Fausto Mourão, jovem e inspirado cultor das musas, cujas produções revelam mérito e já têm passado os limites da província”. Isto, aos 16 anos!

O historiador Augusto Viegas, à página 76, da 3ª edição de *Notícia de São João del-Rei*, consignou: “Em apurado estilo literário, redigido por Antônio Afonso de Moraes, José Gonçalves de Melo e Fausto Mourão, aqui, em 1894, se publicou *O Prego*, de feição acentuadamente humorística”.

Posso registrar que Antônio Afonso de Moraes, em 1891, era presidente do Clube Literário Juvenil, do Colégio Maciel, em tempo em que José Gonçalves de Melo sobressaía-se como sonetista. (verso nº 37 d’ *A Locomotiva*).

Também emprestou o seu talento no jornal são-joanense *O Combate*, que veiculou nesta, entre 1900 e 1902, como colaborador. Igualmente ajudou a redigir *O Dia*, em sua primeira fase, em 1912, ao lado de Antônio Augusto Campos da Cunha e de José Lopes Sobrinho.

Com Odilon Barrot Martins de Andrade (depois agente executivo municipal), Fausto Mourão formou o corpo de redatores de *A Opinião*, que circulava às 4<sup>as</sup>-feiras e sábados, a partir de 1907.

Em síntese, Fausto Mourão também compôs o corpo de redatores de *O Gladiador*, *O Prego*, *O Dia* e *A Opinião*, em curto tempo, exceto no último.

Fausto exibiu seus dotes oratórios em solenidades que se verificaram no Clube Literário Teófilo Dias, em 1889, com menos de 16 anos, em solenidades havidas na entrega de diplomas da Escola Normal e na Colônia Italiana, na Várzea do Marçal, ambas em 1889.

Com 17 anos, Fausto se preparava para cursar Direito. O jornal republicano *A Pátria Mineira*, a 26 de junho de 1890, registrou a respeito: “Chegaram, no dia 22 deste, de Ouro Preto, os inteligentes preparatorianos, nossos amigos Augusto Mafra e Fausto Mourão. Ambos foram aprovados em filosofia e retórica”.

Esse mesmo periódico noticiou a 16 de abril de 1891: “No dia 13 deste seguiu para São Paulo, onde vai concluir os preparatórios e encetar o curso de Direito, o esperançoso jovem são-joanense Fausto Mourão.”



Matriculado na Faculdade de Direito de São Paulo, cursou até o derradeiro ano do bacharelado. Mas, a morte colheu a vida de seu pai, encerrando, antes de formado, as pretensões de uma brilhante carreira, determinada por atividades múltiplas, anteriormente assinaladas.

Sem dúvida, a sua formação política se engajava no programa do partido conservador, como demonstraram os Mourões, até a alvorada republicana. O seu primeiro poema foi publicado em *A Pátria Mineira*, após o 15 de novembro de 1889. Tinha o título *Idolatria* e saiu na edição de 9 de janeiro de 1890. Igualmente, sonetos de sua lavra eram estampados n' *A Locomotiva*, folha nitidamente republicana, no decorrer de 1890.

### **A cidade ao tempo de sua adolescência**

Salvo melhor juízo, era São João del-Rei a cidade mineira que apresentava melhor índice de progresso, excetuando Ouro Preto, sede do governo de Minas até o dia 12 de dezembro de 1897, além de cidades do Triângulo Mineiro e mesmo Juiz de Fora.

Desde 1881, gozava São João del-Rei da comunicação ferroviária que a ligava a Sítio, polo central da Estrada de Ferro Oeste de Minas, com capital levantado pelos seus próprios habitantes. Constantemente visitada por empresas teatrais e conjuntos musicais, seus artistas quase nada ficavam a dever aos valores alienígenas.

No final de 1888, chegaram as primeiras levas de colonos italianos, que se fixaram na Várzea do Marçal, a mesma que seria escolhida como candidata para futura capital de Minas, cortada pelo caudaloso Rio das Mortes. Desde 1860, funcionava o primeiro banco mineiro, a Casa Bancária Almeida Magalhães, aqui instalado.

Na fase sobredita, que encima este capítulo, circularam jornais conservadores, liberais e um republicano, denotando o grande espírito político que reinava na formação dos são-joanenses.

Afamosos estabelecimentos de ensino e renomados mestres recebiam alunos dos mais variados pontos da Província. Citaria, apenas, a título de ilustração, o Colégio da Conceição, do decantado cônego Antônio José da Costa Machado. Já eram famosas as bibliotecas: a Baptista Caetano de Almeida, a da família Cunha e a da viúva do senador Gabriel Mendes dos Santos, que morava na Rua da Prata.

O espírito religioso de sua gente se reflete na música, acentuadamente a sacra, onde perlustram um sem número de compositores e prestigiosas entidades, a Orquestra Lira Sanjoanense e a Orquestra Ribeiro Bastos, que já se sublimavam nos ofícios da Semana Santa.

Fausto Mourão foi contemporâneo do padre José Maria Xavier e de Martiniano Ribeiro Bastos, falecidos, respectivamente, em 1887 e 1912, sendo que ambos moravam na Rua da Prata, vizinhos, portanto, do poeta Fausto. Foi, também, época em que viveram oradores sacros notáveis, tais como o padre Francisco de Paula da Rocha Nunan, o padre João Pereira Pimentel e o padre José Pedro da Costa Guimarães.

Desde agosto de 1889, gozavam os são-joanenses de uma agência telegráfica; a 5 de fevereiro de 1891, instalava-se a Cia. Industrial Sanjoanense, fábrica de tecidos, ao lado da linha ferroviária que seguia para o Sertão. Surgiam fábricas de cigarros e bebidas.

Foi época de visitas de pessoas importantes a esta cidade: o conde d' Eu e a princesa Isabel, em novembro de 1882; o visconde de Ouro Preto, em fevereiro de 1889; Carlos de Laet, de outubro de 1893 a setembro de 1894, por conveniência política; D. Antônio de Macedo Costa, bispo do Pará, por motivos de saúde; Olavo Bilac, em 1894; o visconde de Taunay, em agosto de 1889 e Silva Jardim, em seu famoso apedrejamento ao Grande Hotel, onde se hospedara.

Também naquela época, havia sido inaugurado o Hotel Oeste de Minas, nos inícios de 1891, como forma de incrementar o turismo, de propriedade da Estrada de Ferro Oeste de Minas (imóvel hoje pertencente à União), cujo primeiro diretor foi João Carlos Vieira Ferraz.

Matosinhos, para Carlos de Laet, que aqui chegara nos fins de 1893, tinha como principal atrativo as jabuticabeiras e, como tal, seus frutos. Gameleiras, Águas Férreas, Água Limpa, Rio Acima, Cala-Boca, Casa da Pedra, Senhor dos Montes e Beta do Cipó eram atrações que convidavam para piqueniques aos domingos, na certeza de retorno dos visitantes, ocorrências incrementadas pela ausência da luz elétrica. A música e a poesia constituíam inspiração para um sem número de criações.

Em 1888, foi criado o Clube Atlético, entidade que promovia corridas. No ano de 1893, os colonos italianos instituíram corridas de cavalo, na Várzea do Marçal, com páreos de 600, 850 e 1000 metros, com inscrições até duas horas antes de seu início.

Basílio de Magalhães, em seu *Manual de História do Brasil*, afirma que a terra de Tiradentes, com os “seminários de Mariana e Diamantina, o Colégio Copey, o Externato Dale e a Escola João dos Santos (estes três funcionando em São João del-Rei), foi o maior centro de estudos humanísticos do império, uma espécie de colônia latina, no dizer de Pedro Calmon”. O Colégio São Francisco, com aula inaugural ministrada aos 12 de janeiro de 1891, contava em seu corpo docente notável com a inteligência do professor Aureliano Pereira Corrêa Pimentel, citado por D. Pedro II, em seu diário de viagem e por Richard F. Burton, em sua obra maior. Já no Externato e Escola Normal, mantido pelo governo da Província desde 1883, funcionando no Largo da Câmara, logo após a alvorada republicana, tinha como mestra de desenho e calígrafa, Alexina de Magalhães Pinto, primeira folclorista brasileira. Anexo à Escola Normal, criou-se um curso de Agrimensura, com a nomeação, inicialmente, do agrimensor Augusto Franco Lima e do Dr. Luiz Afonso Braga.

Com o apagar dos lampiões das vias públicas, em horários que variavam, relativamente diminuía-se o movimento das pessoas pelas ruas. No entanto, as igrejas recebiam os fiéis, onde havia boa música e a luz de muitas velas. A luz elétrica, aqui instalada em 1900, foi, no entanto,

antecedida pelas luzes da intelectualidade ática que grassava nestes sítios encantados do vale do Lenheiro.

Esse foi o proscênio de uma fase áurea da história são-joanense, onde se locomoviam as mais variadas figuras da cidade e, por coincidência, havia três poetas com o nome de Fausto: o Mourão, o Gonzaga e o Maia.

### **Considerações sobre a sua obra poética**

No poema *Idolatria*, de 9 de janeiro de 1890, Fausto Mourão confessa que apenas a ilusão o distanciava da morte:

E loucamente, querida,  
No mais sublime transporte,  
Encontre o gérmen da Vida  
No próprio gérmen da Morte.

O poeta seguiu atrás de um sonho a que não soube resistir e que o seduziu. Cedo amou e cedo criou, como condição de um estado d'alma. Vejamos o segundo terceto do soneto *Preciosa*:

E teus sorrisos de ventura plenos;  
Caem-me n'alma, tépidos, serenos;  
Como uma chuva de amorosos beijos!

A 31 de maio de 1891, compõe *Na Última Aurora*, onde chama o sol de “o rei do azul”, lamentando a ida de maio, “querido mês”. Sua alma terna e sensível sabia apreciar as mulheres que manteve na mente. Em *Pecendo*, revela no segundo quarteto:

Linda! na voz mais timbre e mais harpejos,  
No doce olhar... luares indecisos,  
A flor da boca os mais alegres risos  
E uns desdêns de duquesa com desejos.

*Fausto Mourão, Um poeta Esquecido*

O que tornou os versos de Fausto Mourão belos e duradouros - hoje, relativamente esquecidos - representando contribuição valiosa para o patrimônio poético-cultural das Minas Gerais, foi a inspiração sincera e a emoção espontânea com que os produziu.

Logo na puberdade, Fausto, como se depreende de suas criações, descobriu o encanto feminino. Retribuiu-se o fiel a seu sentimento, de acordo com o que lhe ditava o coração, já acostumado por experiências várias. Aos 15 anos, a imprensa são-joanense estampou o soneto *Preciosa*, que assim finaliza em seu segundo terceto:

Leio, em teus olhos negros, penetrantes.  
Estrofes lindas, frases cristalinas  
De afetos vivos... e ideais desejos!...

O poeta retrata delicadas paisagens de seu mundo interior, mesmo que presente em brando pessimismo:

Só sei que a alegria existe,  
Porque tu cantas, querida!

Mas, a sua autoconfiança denotava as vicissitudes da vida, em composições de outubro e de dezembro de 1888, aos quinze anos e meio, respectivamente:

Me pulsa o coração dentro do seio  
E minh'alma feliz se alegra... e canta.



Meu coração febril, tristonho e grave,  
Há de adorar-te sempre, flor divina!

Em circunstâncias especiais, o amadurecimento quotidiano fazia brotar a dor da angústia, como no soneto *Na Despedida*:

- Ai! quanto custa a dor duma saudade!

Sentindo a intensidade do amor - tema antigo e sempre novo -  
procurou cantar-lhe as delícias, em desabafo de sensualismo:

Inda hei de colar meus lábios...  
Para gozar-te, ainda mais!



Minh'alma vai num pressuroso adejo  
Banhar-se em luz à flor da tua boca!

Aos 18 anos, portanto, ao atingir o período da juventude,  
aumentam suas demonstrações de mudança interior - amadurecimento  
intempestivo - e sua lira reflete tons de tristeza e de realismo, porém, não  
resignações.

A 17 de janeiro de 1893, com quase 20 anos, compõe *Velho Tema*

Se o coração que venturoso adora,  
Invejado e feliz se considera,  
Por que razão, depois se desespera  
E tristemente se maldiz... e chora?

É porque tudo muda. Vês a aurora  
Que alegra as flores pela Primavera?...  
Depois... o sol, que queima e dilacera  
As pobrezinhas pelo estio afora!

Ainda em meados de 1893, repete esse estado d'alma em *Noite de Inverno*:

O sol tombou sem brilho! Onde o aroma  
E os esplendores que outras vezes leva?...  
A noite... além dos píncaros assoma,

*Fausto Mourão, Um poeta Esquecido*

Abrindo a larga túnica de treva.

O côncavo do céu, sem luz retoma  
A cor do ônix. Em baixo o frio neva.  
Vaga tristeza os meus impulsos doma,  
E a dor... em minhas lágrimas se ceva!

A 2 de dezembro de 1888, quando transcorreu o 17º aniversário de casamento de seus pais, Fausto, então com 15 anos completos, dedicou a seus progenitores *Rimas do Coração*:

Esse dia é a síntese brilhante  
De uma existência doce, em horas calmas,  
Que desfrutam em júbilo constante,  
Aqueles duas carinhosas almas!

Aqueles corações n'um beijo unidos  
Ricos de amor, de paz e de venturas,  
São invisivelmente, protegidos  
Pelas bênçãos de Deus, lá das alturas.

Em cada aurora bela que resposta  
Do passado alegre, em cada hino,  
Esse casal - eterna glória conta,  
Num devaneio edênico... divino!

Há dezessete vezes que cintila  
Sobre as cabeças desses dois esposos,  
Da fê a estrela vivida e tranquila  
Num deslizar, de dias luminosos.

E que assim tão sazonados frutos  
De amor sublime dá - tenha - Senhor,  
Os meus olhos de lágrimas enxutos  
E dentro d'alma a Santa paz do Amor!

Teima em “reviver meus sonhos de criança”, porém, percebe que, aos 16 anos, aqueles sonhos são lembranças do passado se chocando com a realidade do presente. Sua inspiração se diversifica e a produção poética diminui.

Enfim, há constantes no mundo poético de Fausto Mourão. Foi poeta da natureza, do sol - “o rei do azul” - do mês de maio - “querido mês” - da árvore, da primavera, dos pássaros, da floresta e das flores. Apesar de sua preferência pessoal pelas orquídeas e pelas violetas, encontrei em seus versos menções a outras espécies da Flora, tais como à açucena, à bonina, à giesta e ao lírio. Aliás, sua alma sensível tanto gostava de flores que acabou se casando com uma Rosa.

Apesar de católico praticante e convicto, sua poesia prescindia de fundo religioso ou divino, com exceção, talvez única, nas cinco quadras de *Rimas do Coração*.

Com louvor e magia, soube Fausto Mourão buscar e encontrar, na mocidade, com seus versos que constituem pináculo de sua existência, a imortalidade literária.

## **Casamento**

Após a Semana Santa de 1891, Fausto Mourão, com 18 anos incompletos, chegava a São Paulo, a fim de concluir o curso preparatório que o habilitasse a ingressar na famosa Faculdade de Direito daquela capital.

Conseguiu o seu intento. Com a devida preparação, foi aprovado nos respectivos exames e assentou-se nos mesmos bancos outrora ocupados por Álvares de Azevedo, Fagundes Varela e Castro Alves, por coincidência, também românticos.

Nessa fase, sua produção poética diminui e se entrega mais às lides do jornalismo. Amadeu Amaral (1875-1929), jornalista, poeta e folclorista (literato que, em 1976, foi tema para concurso de monografias, promovido



pela Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia de São Paulo e pela Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro), no ano de 1894, dedicou poema a Fausto Mourão, intitulado *Oferenda*, subscrito na capital paulista, fato que assinala o apreço existente entre os dois vates e mesmo convivência cordial naquela antiga cidade piratiningana. Posteriormente, ocupou Amadeu Amaral a presidência da Academia Paulista de Letras, onde fundou a cadeira nº 33, tendo como patrono Teófilo Dias.

Corria o ano de 1896. Fausto Mourão cursava o último ano da carreira jurídica quando, a 3 de agosto, faleceu o pai, Caetano da Silva Mourão, aos 54 anos de idade, seguindo o corpo para o cemitério de São Francisco de Assis da cidade de São João del-Rei, no dia imediato.

Com 23 anos, às vésperas de bacharelar-se em Direito, transtornado, abandonou os estudos e decidiu tomar sobre si os encargos de família. Já a 5 de agosto de 1896, devidamente autorizado, assumiu a função de escrivão interino e tabelião da Comarca, em lugar do pai, agindo como tal no ato de abertura do testamento de D. Maria Teresa Batista Machado, grande benemerita são-joanense.

Componentes da família Cunha passavam a Semana Santa em São João del-Rei e os Mourão, aparentados, deslocavam-se para Valença, por ocasião das festividades religiosas de Nossa Senhora da Glória. Nessa circunstância, Fausto conheceu Rosa Cândida Rodrigues, vindo a se casarem a 19 de março de 1898, naquela cidade do estado do Rio. Ela possuía a idade de 16 anos e meio, nascida a 4 de setembro de 1881, em Valença e era filha do capitão Júlio Corrêa Rodrigues e de Maria do Espírito Santo Assunção Rodrigues.

A 19 de março de 1901 - exatamente 3 anos após o enlace de Fausto e Rosa - casaram-se Balbininha Mourão (irmã do poeta) e José da Silva Fonseca. As cerimônias civil e religiosa do matrimônio sucederam-se na residência de Fausto Mourão, isto por motivo de morte em família. Foi celebrante do ato religioso o padre Joaquim Parreiras, servindo de padrinhos, por parte da noiva, D. Clotilde de Castro e Dr. Francisco

Mourão, Sênior (historiador) e, no civil, Fausto Mourão e D. Joaquina da Fonseca.

Da união de Fausto e Rosa nasceram 14 filhos, conforme o registro abaixo:

- Maria de Lourdes, casada com Silvano dos Santos Carneiro
- Júlio e Caetano (gêmeos), falecidos com mais ou menos um ano de idade
- Rosa Carmelita, casada com Eurico da Silva Castro
- Fausto, falecido aos 23 anos
- José, falecido com meses
- Ana Carmelita
- Mercedes, casada com Edgar Teixeira
- Paulo
- Lúcio, falecido com meses
- Marcelo Batista, casado com Maria do Carmo Campos
- Odette
- Marco Aurélio, casado com Acy Barbosa

### **Ocaso**

Apesar de franciscano, tinha o costume de frequentar a igreja de Nossa. Senhora do Carmo, a fim de se entregar à oração. Por esse motivo, não abria o Cartório no dia 16 de julho.

Apreciava a prática do futebol. Por volta de 1918/19, presidiu o Minas Futebol Clube, o qual surgiu de uma dissidência havida no esporte são-joanense. Gostava de andar a cavalo e de charrete, até que adquiriu um Chevrolet Pavão 1928, e, depois, um Ford 1935.

A sua vida era voltada para o seu lar feliz e para as responsabilidades profissionais do tabelionato, compondo, de acordo com a inspiração, os seus versos, alguns aqui transcritos.

*Fausto Mourão, Um poeta Esquecido*

Em 1943, já portador de distúrbio cardíaco, aposentou-se do serviço atinente ao Cartório do 2º Ofício, até então funcionando na parte térrea do prédio da Prefeitura Municipal.

Chegou a completar bodas de ouro matrimoniais, a 19 de março de 1948. Mais dois anos teve de vida, falecendo com 75 anos incompletos, a 20 de maio, exatamente no “mês querido”, por ele tão decantado em seus versos, como *Na Última Aurora*, composto em 31 de maio de 1891, abaixo transcrito em parte:

Ai, que adivinho esta alegria, agora  
É que maio se vai... ebrifestante,  
Rindo e cantando pelo tempo afora.

Querido mês! Pra que minh'alma cante,  
Reconduze-me, - à luz da tua aurora -  
Aos braços divinais de minha amante!

Pelos umbrais da morte, ingressou na mansão poética da eternidade, depois de uma existência voltada ao Amor, preconizada em *Idolatria*:

Dá-me um sorriso - uma esmola -  
Me anima, após, se me mata!

Tanto o *Diário do Comércio* quanto *O Correio*, jornais locais então em circulação, deram destaque à dolorosa notícia do falecimento do velho intelectual, “figura de maior relevo social em nossa terra”. Seu corpo foi conduzido para o cemitério de São Francisco de Assis, onde, à beira do túmulo, fizeram uso da palavra Dr. Belisário Leite de Andrade Neto e o jornalista Mozart Novais, aquele, em nome do Foro e, este, representando a diretoria do Minas Futebol Clube.

Sua viúva, Rosa Rodrigues Mourão, ainda viveu até o dia 10 de outubro de 1971. O poeta da Rua da Prata me conheceu quando eu tinha 2

anos de idade, quando ali morei perto do *Passo da Via Crucis* e sei que muito me estimava. Idoso e demonstrando cansaço, sentado em confortável cadeira, permanecia longo tempo na varanda de sua residência, já em dias que prenunciavam a sua última aurora.

A 21 de novembro de 1940, compôs um soneto que talvez tivesse sido o derradeiro. Ei-lo:

### Última página

Deste álbum, se até aqui, senhora minha,  
Chegar o vosso olhar, tende piedade  
De quem do fim da vida se avizinha  
Nuns derradeiros versos de saudade.

Saudade, não da vida árdua e mesquinha  
Que atravessei desde a primeira idade,  
Porém do tempo em que meu verso tinha  
O audacioso vigor da mocidade...

Aí, nesse tempo os vossos dons divinos,  
Em vez de versos trôpegos e mancos  
Teriam senhoriais alexandrinos.

Hoje a musa caduca em vãos arrancos,  
Anda como eu, exausta, aos desatinos,  
Toda coberta de cabelos brancos.

A Municipalidade prestou-lhe homenagem póstuma, batizando de Praça Fausto Mourão a então Praça da Biquinha, de conformidade com a lei nº 190, de 8 de agosto de 1951, quando prefeito Dario de Castro Monteiro.

Uma síntese nobilitante da vida de Fausto Mourão acha-se contida no poema de João Netto, intitulado *Aos anos dele...* composição que lhe foi dedicada, a 2 de fevereiro de 1889, então com 16 anos incompletos, transcrita pela *Verdade Política*, de 15 de igual mês e ano:

*Fausto Mourão, Um poeta Esquecido*

Ele, que hauriu da juventude em maio,  
A seiva boa, o cristalino orvalho  
De um céu de amor - febricitante o seio -  
Para lançar-se às lutas do trabalho!...

## **Derradeiros versos**

O estro de Fausto Mourão adormeceu nos dias da presente centúria ou ele preferiu esconder o produto de sua inspiração.

O poeta Castanheira Filho, natural de Bom Sucesso e que veio para São João del-Rei em 1920, publicou, em 1941, *Figurões (Perfis Sanjoanenses)*, enfeitando 42 sonetos. O de nº 34 é dedicado a Fausto Mourão, apenas com pinceladas sobre a ocupação profissional do perfilado e sem menção sobre a sua personalidade de poeta, o que revela o desconhecimento do autor quanto a essa condição, porquanto não mais poetava.

Seus derradeiros versos são tristes e realistas, porém, mesmo na velhice fez-se notado pela inspiração acúlea. Um deles tem a forma de soneto, ainda que não contenha data. Chama-se:

### **Árvore Seca**

Hirta, de pé, desnuda, suplicante,  
Como implorando ao céu seiva e frescor,  
Árvore seca, tua sombra errante,  
Impressiona e causa-me pavor!

Braços torcidos para um sol flamante,  
Sol de verão, sinistro, abrasador,  
Lembras um negro espectro mendigante,  
Na agonia cruel de eterna dor.

Davas, outrora, à Primavera olente,  
O verde pálio, a fronde viridente,  
E desparsias flores pelo chão...

Mísera enfim! À morte condenada,  
Hoje, na própria sombra amortalhada,  
És o fantasma da desilusão!... “

## Conclusão

O ardoroso poeta deixou de confiar às empresas tipográficas - não lhe faltavam recursos de sorte alguma - a edição de um livro, sequer. Recorreu, no entanto, ao auxílio da imprensa são-joanense, a fim de que ela publicasse os seus versos, tão elegantes e imortais.

Por que assim procedeu? Por modéstia, para não repartir os seus sonhos de jovem imberbe ou por que acreditava que seus versos morreriam com o seu corpo?

Os sonetos e os poemas transcritos neste trabalho histórico foram extraídos de coleções de jornais são-joanenses do século passado e também deste. Sem dúvida, não receberam a devida revisão tipográfica, às vezes.

Este esforço de pesquisa histórica, levantado a duras penas, tem a pretensão de projetar e de conservar para a posteridade a vida e a poesia de Fausto Mourão, mesmo diante de sua morte física. A sua produção poética o fixou definitivamente no templo da imortalidade literária.

## Referências

- ANDRADE, Mário de. *Revista Nova*. ano I, nº 3. São Paulo:
- BURTON, Richard F. *Viagens aos Planaltos do Brasil*. São Paulo: Nacional, 1941.
- CINTRA, Sebastião de Oliveira. *Efemérides de São João del-Rei*, v.II, 2 ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado, 1982.
- FILHO, Castanheira. *Figurões: Perfis sanjoanenses*. São João del-Rei: Assis, 1941.
- GUERRA, Antônio. *Pequena História de Teatro, Circo, Música e Variedades em São João del-Rei - 1917 a 1967*. Juiz de Fora: Esdeva, 1969.
- VIEGAS, Augusto das Chagas. *Notícia de São João del-Rei*. 3 ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1969.
- MAGALHÃES, Basílio de. *Manual de História do Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1949.

*Fausto Mourão, Um poeta Esquecido*

Diário da Viagem do Imperador a Minas em *Anuário do Museu Imperial*, MEC, vol XVIII, Petrópolis, 1957. Depto da Imprensa Nacional, 1964.

Diário de viagem de D. Pedro II, 1881

Livros de Atas da Câmara de São João del-Rei, 1869 - 1872

Documentos relativos a João Antônio da Silva Mourão, encontrados nos arquivos do museu local do IPHAN

Documentos da família Mourão

Arquivos da Secretaria da Prefeitura Municipal

Arquivos paroquiais de Nossa Senhora do Pilar

AMARAL, Amadeu, em artigos de jornais paulistas

LAET, Carlos de, *Em Minas*

### **Coleções de jornais São-joanenses:**

*A Gazeta Mineira*

*A Pátria Mineira*, exemplares de 26 de junho de 1890 e 16 de abril de 1891

*A Locomotiva*, nº 37, de 1891

*O Gladiador*, novembro de 1888

*Verdade Política*, novembro de 1888 e 15 de fevereiro de 1889

*O Combate*, 1900 a 1902

*O Dia*, 1912

*O Pregão*, coleção de 1894

*A Opinião*, 1907

*Diário do Comércio*, toda a coleção, 1938 a 1963

*O Correio*, toda a coleção, 1926 a 1963